

Pensar o cinema e a cidade como parceiros no processo de ensino aprendizagem

*Ana Paula Klippel Lopes
Andrea da Paixão Fernandes
Fábio Silva de Moraes*



Pensar o cinema e a cidade como parceiros no processo de ensino aprendizagem

Ana Paula Klippel Lopes
Andrea da Paixão Fernandes
Fábio Silva de Moraes

Produto Educacional associada à Dissertação de Mestrado Profissional, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, orientada pela Professora Dr^a Andrea da Paixão Fernandes.

Rio de Janeiro

2020

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento ao Fábio Moraes que incentivou minhas ideias, e fez imensas contribuições para a idealização e criação do aplicativo para celulares.

Em especial, agradecimento para minha querida orientadora Andrea Fernandes, pelos debates e imensa contribuição para o desenvolvimento deste produto educacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
PROPOSTA DE ATIVIDADE E METODOLOGIA.....	6
APLICATIVOS PARA CELULARES.....	12
ANEXO 1 – TEXTOS DE APOIO.....	17
ANEXO 2 – ENDEREÇOS WEB.....	25

Aos Professores e Professoras da Educação Básica,

O presente produto tem por objetivo promover o debate acerca da utilização de espaços não formais de ensino, como o cinema, que é um importante parceiro da escola, com todas as possibilidades e formas de abordagem de diversos conteúdos dentro e fora de sala de aula. Entretanto gostaria de destacar outro elemento: a cidade em que vivemos.

Muitas vezes passamos todos os dias em determinados lugares, mas não prestamos atenção no percurso. Não nos lembramos de observar a calçada, as árvores, se tem algum monumento histórico, algum prédio ou casa que tenham importância histórica, nomes de ruas e praças, ou seja, não reparamos em algo que está tão próximo da gente e que tem um potencial imenso no processo de ensinoaprendizagem.

Pensando nessas potencialidades de proposta de trabalho pedagógico que há quando nos ocupamos de olhar o entorno, apresentamos esse produto educacional que está organizado em duas partes interligadas. Na primeira você encontrará uma proposta de oficinas. Na segunda parte, apresentaremos um protótipo de aplicativo que permite ao estudante acessar pontos históricos e culturais no trajeto escola – cinema.

A primeira proposta, a oficina, está estruturada em dois encontros tendo como público-alvo professores da educação básica e tem como objetivo levar os professores a reconhecerem as potencialidades de trabalho com o cinema em sala de aula.

A segunda proposta consiste na criação de um protótipo de aplicativo para celular e tem como público-alvo estudantes da educação básica. O protótipo que apresentamos tem como objetivo apresentar possibilidades inovadoras para se trabalhar a cidade, a história e a cultura local para além dos muros da escola.

PRODUTO EDUCACIONAL (1) – OFICINAS SOBRE CINEMA E ESCOLA PARA PROFESSORES

Esta primeira parte do produto educacional tem como público-alvo professores e consiste na realização de oficinas pedagógicas que podem ser replicadas pelos professores participantes das oficinas para seus pares e também junto a seus alunos.

Viver a experiência da utilização dos espaços não formais de ensino e o cinema, em específico, poderá trazer outra perspectiva aos temas trabalhados dentro e fora de sala de aula a partir das interações que podem ser realizadas entre a escola e o cinema. Pretendemos sensibilizar os professores acerca do tema e estimulá-los a incorporar o cinema como atividade educativa e formática à sua prática pedagógica.

O objetivo da atividade é promover o desenvolvimento da reflexão sobre o cinema e suas potencialidades na interface com a escola. Para isso, pretendemos trazer para o debate a relevância de se considerar no trabalho pedagógico a utilização de espaços não formais de ensino e, de acordo com o desenho que propomos para esse produto educacional, a importância de se observar a cidade em que vive e utilizar outras mídias para trabalhar conteúdos como, por exemplo, o próprio celular. Diante do exposto, a educação do olhar para o que será registrado nos vídeos e o ponto de vista de cada indivíduo será o ponto alto na atividade, além da troca de ideias.

A oficina está organizada em dois encontros e serão projetados vídeos e imagens para apresentar o caminho que iremos percorrer, tal como as imagens a seguir dos irmãos Lumière e também de seus primeiros filmes produzidos e exibidos.

Os Irmãos Lumière, em suas primeiras exibições mostraram ao mundo cenas do cotidiano, como a chegada de um trem na estação e a saída de operários de uma fábrica. Um registro histórico de um dia comum da época.

Negócio de bom tamanho

Os irmãos Lumière nada tinham do inventor caricato, que cria as coisas mais engenhosas sem saber para que servem. Todos os seus projetos tinham objetivos definidos - e um deles era ganhar dinheiro.

Ainda assim, eles com certeza não tinham ideia do tamanho que viria a assumir o negócio em que estavam entrando como pioneiros. Cálculos da revista U.S. News & World Report indicam que este ano os americanos deixarão nas bilheterias das 20 000 salas de exibição do país a fantástica cifra de 5 bilhões de dólares. Menos fácil de calcular é o rendimento da produção cinematográfica que vai para a televisão, as produtoras e locadoras de fitas de vídeo. Convém não esquecer, também, o cinema que se faz para outros propósitos que não a diversão - filmes educacionais, científicos, documentários etc.

<https://super.abril.com.br/tecnologia/irmaos-lumiere-luzes-camera-acao/>

Outra personagem de grande relevância no universo do cinema e das criações, é Alice Guy-Blanché, primeira mulher a produzir filmes. Entretanto, Alice, sentiu a necessidade de criar histórias e enredos para suas filmagens, o que era bastante ousado para a época. Alice foi pioneira na utilização de atores, cenários, figurinos e, até mesmo, efeitos especiais.



https://commons.wikimedia.org/wiki/File:BN_POSTER_021219_HIGHRES.jpg

Quando assistimos à obra de Alice Guy, podemos fazer referência aos momentos atuais com os inúmeros aplicativos de celulares existentes. Os aplicativos tendem a fazer bastante sucesso entre crianças, jovens e até mesmo entre adultos, pois normalmente tem um layout simples e acessível o que o torna ainda mais divertido. Os aplicativos permitem gravar vídeos, fazer cortes e edições de maneira muito simples, em que muitas vezes efeitos especiais são simulados.

Em nossa oficina, debateremos sobre as obras apresentadas e faremos a contextualização de nosso momento atual, considerando a

popularização de aparelhos celulares, suas funcionalidades e recursos existentes como, por exemplo, para a gravação de vídeos e fotografias, o que permite o protagonismo na captura de imagens, o qual, há poucos anos, era exclusivo e restrito para uma minoria detentora de caros equipamentos para esta finalidade.

Destacamos que o uso dos recursos dessas novas tecnologias podem permitir desenvolver atividades mais dinâmicas, por meio das quais podemos “brincar” de ser um cineasta treinando nosso olhar para o que desejamos fazer registro para a posteridade ou até mesmo contar uma história.

A oficina acontecerá em dois encontros no formato online, os quais detalharemos a seguir.

Oficina 1 – Pensar o cinema

Tempo de duração: 60 minutos

Será abordado o tema o cinema e sua criação. Para essa abordagem, serão apresentados textos que possam contextualizar nossa pauta e como metodologia serão utilizados também vídeos e imagens, tais como: Irmãos Lumière, Alice Guy-Blaché (primeira mulher a fazer filmes) e os aplicativos que fazem parte da vida de crianças, jovens e adultos atualmente.

O debate terá como objetivo pensar o cinema e propor atividades que possam ser utilizadas dentro e fora de sala de aula, não descartando as novas tecnologias tão presentes em nosso cotidiano.

A metodologia será fundamentada em estudos de textos e debates a partir de vídeos, além da proposição de uma atividade prática de produção de vídeo. Para esta atividade será necessário ter um aparelho de celular, o qual será utilizado para a gravação do vídeo.

Planejamento da Atividade:

Para iniciar o debate, no primeiro momento da oficina, haverá a aproximação do tema para os participantes, mediante a utilização de textos de apoio, imagens e vídeos conforme as indicações que podem ser acessadas pelos links apresentados a seguir.

<https://youtu.be/IW63SX9-MhQ>

<https://youtu.be/RP7OMTA4gOE>

[Alice Guy Blache Women Directors GIF - Find & Share on GIPHY](#)

<https://youtu.be/xJWzNG9YYW8>

<https://youtu.be/0vnLLi-IE2w>

<https://youtu.be/dQ-oB6HHttU>

<https://youtu.be/hZ7lwHhryJs>

Os vídeos a serem utilizados apresentam gravações feitas pelos Lumière e Alice Guy-blaché, o que servirá de pauta para nosso debate.

No segundo momento, após a exibição das imagens e filmes, será promovido um debate sobre o material exposto em articulação com a contextualização dos materiais apresentados e a proposta da oficina. Após esse debate, será proposta uma atividade em que os participantes deverão fazer um vídeo de, no máximo, cinco minutos para ser apresentado em nosso segundo encontro. O vídeo deverá conter imagens (fotografias ou vídeos) de lugares que tenham representação histórico-cultural, seja como cenário de uma história ou até mesmo um pequeno documentário nos contando mais sobre o espaço. Essa dinâmica visa a troca de conhecimentos sobre os diferentes lugares de nossa Cidade e as interfaces com as culturas manifestadas, com a finalidade também de ocupar esses espaços.

Ainda no primeiro dia de oficina, solicitaremos aos participantes que exponham suas ideias e opiniões acerca da atividade e da utilização de espaços não formais de ensino, incluindo o uso do cinema e gravações de filmes com os alunos.

Oficina 2 – Fazer o cinema

Tempo de duração: 60 minutos

Planejamento da Atividade:

No segundo dia de oficina serão apresentados pelos participantes os caminhos para a produção dos vídeos mediante uma roda de conversas e, na sequência, será realizada uma mostra dos vídeos, na qual cada participante apresentará seu filme e o que o motivou a fazer o registro.

A roda de conversas proporciona a troca e o compartilhamento dos conhecimentos produzidos e dos caminhos percorridos. Esse é o objetivo do segundo encontro, potencializando a promoção e exposição dos pontos de vista e considerações sobre a experiência vivenciada durante a realização da atividade.

PRODUTO EDUCACIONAL (2) – APLICATIVO PARA CELULARES

A intenção desse produto parte da perspectiva da utilização do cinema como atividade parceira da escola e, também, do olhar para a Cidade. Consideramos, ainda, o tempo presente em que é notável a popularização de celulares e aplicativos tendo, essas tecnologias, grande aceitação entre crianças e jovens.

Diante do exposto, consideramos inovador propor, como produto educacional associado à dissertação de mestrado *A tela que revela a escola: uma análise do “Projeto Escola no Cinema” como um espaço educativo não formal*, um protótipo de aplicativo que poderá ser utilizado por professores e alunos quando forem realizar atividades fora do espaço escolar.

De acordo com o protótipo que criamos, o aplicativo registrará o ponto de partida – no caso a escola – e, ao longo do caminho, pontos relevantes poderão ser marcados e identificados para também fazerem parte da atividade. E por fim, o local de chegada que será o cinema. Os pontos assinalados deverão ser históricos e turísticos e deve-se considerar o que for relevante para professores e alunos que o criarem. O aplicativo decorrente do protótipo criado terá por objetivo dialogar com a história e cultura locais. O protótipo foi apresentado na Defesa da Dissertação de Mestrado, onde imagens de como poderá ser o aplicativo foram exibidas.

Em parceria com o primeiro produto proposto, as oficinas, este produto também busca desenvolver maior interação de professores e alunos com a Cidade em que vivem, podendo trazer para sala de aula o debate sobre o conhecimento e reconhecimento do que os cerca.

Com o aplicativo, o usuário, seja aluno ou professor, poderá desenvolver uma rota com os pontos de maior relevância ou de maior curiosidade ao longo do caminho em que esteja realizando a atividade. A partir dessa rota, poderá consultar no aplicativo uma breve apresentação sobre a história e importância daquele local no que se refere aos aspectos históricos e culturais.

Para melhor compreensão, faremos uma breve apresentação do protótipo do aplicativo.

Na página inicial do aplicativo, o usuário definirá o bairro onde a sua Escola está localizada, para nosso exemplo, utilizamos o bairro Rio Comprido, pois é lá que o CAp-UERJ está situado. Encontrando a Escola desejada, ela deverá ser selecionada para seguir os próximos passos do aplicativo.



A página que aparecerá após a escolha da Escola, conterà o espaço em que o usuário poderá definir sua rota ou selecionar uma rota já cadastrada anteriormente.



O usuário, selecionando uma nova rota, acessará a página para indicar o endereço de origem e o endereço do destino.



Após confirmar os endereços de origem e destino, na página seguinte, aparecerão alguns pontos com relação histórico-cultural com a Cidade do Rio de Janeiro. No exemplo que expomos aqui neste guia, alguns

pontos de relevância que fazem parte do trajeto são: o Sambódromo, Palácio Guanabara e a Praia de Botafogo.



Nesse momento, o usuário deverá clicar no ponto que deseja saber mais informação e aproveitar o aplicativo, conhecendo um pouco mais sobre a história e cultura da Cidade.



Para complementar o que foi dito no início da explanação do produto, o usuário poderá salvar a rota para poder pesquisar e revisitar quantas vezes sentir necessidade ou quiser.



Esperamos que esse protótipo se constitua como material para que cada professor participante da oficina ou que acesse este material possa criar outros modelos de acordo com as suas realidades, na cidade do Rio de Janeiro ou em outras cidades, e utilizá-lo com seus alunos da educação básica.

ANEXOS

TEXTOS DE APOIO

Irmãos Lumière. Luzes, câmera, ação

Gisela Hneymann

Fonte: <https://super.abril.com.br/tecnologia/irmaos-lumiere-luzes-camera-acao/>

Quem passou pelo Boulevard des Capucines, no centro de Paris, no final dos idos de 1895, não pôde deixar de notar uma enorme fila que se estendia por centenas de metros. Agasalhados contra um rigoroso inverno, homens, mulheres e crianças esperavam a vez para entrar na pequena sala do subsolo do Grand Café, pomposamente batizada de Salão Indiano, no número 14 daquela avenida. Uma vez instalados nas 100 cadeiras dispostas diante de um grande pedaço de pano branco, assistiam a um fantástico espetáculo de luzes e movimentos. Em certo momento, um trem avançava em direção à plateia, para depois desaparecer num canto da tela. Pouco depois, podia-se observar a saída dos operários, na pausa do almoço, da fábrica Lumière, instalada em Lyon.

A sessão durava vinte minutos e custava 1 franco por pessoa. Os que puderam participar destes momentos certamente não se arrependeram do tempo gasto ou da despesa extra. “Esta foi a mais fácil invenção de minha vida”, dizia Louis Lumière, décadas depois, quando o cinema já tinha se transformado em arte e em negócio milionário. Auguste e Louis foram os dois primeiros filhos de um casal humilde: Antoine, pintor de letreiros, e Jeanne-Joséphine, lavadeira. Logo após o casamento, em 1859, os dois perambularam por Lyon Paris e Besançon onde Antoine resolveu mudar de profissão. Segundo ele, a pintura não tinha futuro. Melhor seguir a moda e tentar o ramo da fotografia. Após alguns meses de aprendizado num estúdio fotográfico, Antoine montou seu próprio negócio.

Cinco anos mais tarde, a família voltou para Lyon—desta vez definitivamente. Instalado na Rua de la Barre, a principal da cidade, o patriarca, também conhecido por sua bela voz, pelo fervoroso nacionalismo e por um obstinado anticlaricalismo, não precisava correr atrás de clientela. Quatro mil automóveis, 5 000 charretes, 500 cavaleiros e mais de 40 000 pedestres passavam, por dia, em frente à sua porta. Nos anos seguintes, outros dois filhos vieram aumentar a família e, não fosse pela mania de gastar sempre um pouco mais do que ganhava, Antoine Lumière poderia se considerar um próspero comerciante—nos dias de movimento, chegava a tirar até 200 retratos. Auguste e Louis trilharam os passos do pai. Durante sua primeira viagem de férias, os dois irmãos seguiram para a Bretanha, no noroeste da França, acompanhados de um professor de Matemática, Marius Pradel

O passatempo não poderia ser outro: depois de fotografar tudo o que viam, corriam para uma gruta que, na maré baixa, lhes servia como quarto escuro para revelação. Foi nesta caverna, chamada de Goule-aux-Fées, que Auguste e Louis juraram trabalhar juntos por toda a vida. Os dois estudaram no colégio La Martinière, mas atacado por inexplicadas crises de dor de cabeça, Auguste não pôde prestar os exames para a faculdade. Louis, que sofria do mesmo mal, nem sequer tirou o diploma oficial da escola, embora tenha colecionado primeiros lugares em Desenho, Matemática e Química durante os dois anos de curso. Nas horas vagas, ambos ajudavam o pai, que chegou a apresentar suas mais belas fotos na Exposição de Paris em 1878

Foi na mesma ocasião que o arrebatado Antoine decidiu encomendar uma iluminação elétrica para seu estúdio— novidade que causou furor aos espectadores do evento. Convencido de que o jogo de luzes do inventor alemão Van der Weyder incrementaria seu negócio, o pai Lumière fez apenas uma exigência: ser o único a possuir o engenho na região. Ele não contava, porém, com outro empecilho: ainda não existia distribuição de eletricidade na Lyon de 1879. Antes de se dar por vencido—atitude pouco comum na família-, Antoine instalou na cave uma pequena central a gás ligada a uma outra máquina encarregada de alimentar em corrente contínua as tais lâmpadas elétricas.

Foi a primeira de uma série de soluções que seriam manchete de jornal ainda por várias décadas. No famoso século das invenções, aperfeiçoar, desenvolver e até improvisar eram qualidades indispensáveis. Auguste e Louis herdaram-nas em quantidade mais que suficiente. Antoine, seus filhos e até Madame Jeanne-Joséphine dominavam bem a complexa técnica fotográfica daqueles tempos: as placas chamadas de colódio úmido tinham de ser emulsionadas uma a uma, num quarto escuro, antes da exposição e reveladas instantes depois. Para as fotos de exterior, uma câmara escura fazia parte dos apetrechos do profissional. No entanto, a invenção e o aperfeiçoamento das placas secas, sensibilizadas de antemão, prontas para o uso e que podiam ser conservadas e reveladas muito tempo depois seriam a grande revolução da época. O patriarca Lumière não deixaria passar mais essa novidade. Muniuse de revistas especializadas, em que as novas fórmulas foram publicadas e pôsse a fabricar suas próprias placas.

Sua histórica impaciência banhada de um parco conhecimento de Química foram responsáveis pelo fracasso, embora o fotógrafo nunca tenha deixado de acusar os inventores de divulgar fórmulas falsas. Exausto pelas tentativas infrutíferas, Antoine seguiu para a fazenda de um amigo em busca de calma. Durante o repouso no campo, Auguste e Louis resolveram retomar as experiências do pai. Ao contrário deste, os dois irmãos eram minuciosos ao extremo: anotavam cada resultado, cada nova técnica e mudavam apenas um parâmetro por vez. Ao voltar, Antoine surpreendeu os filhos num infatigável trajeto de ida e volta à farmácia mais próxima, único local onde havia uma balança de precisão.

Em 1881, Auguste, contrariado, partiu para cumprir o serviço militar. Pouco depois, Lonis chegou à fórmula final. Animado com a possibilidade de se tornar o único fabricante de placas secas da região, Antoine não tardou a procurar um galpão que lhe servisse de estúdio. A jornada de trabalho tornou-se ainda mais dura que de hábito. Louis, então com 17 anos, sua irmã Jeanne, de apenas 11, e a mãe, cumpriam quinze horas por dia, enquanto Antoine mantinha o estúdio em plena atividade. Mil e quatrocentas placas eram produzidas por dia—quantidade ainda insuficiente para cobrir as dívidas contraídas pelo fotógrafo otimista. Embalado pelo sonho da fortuna rápida, Antoine Lumière comprou equipamentos e gastou muito mais do que podia, antes de esperar, impacientemente, como de costume, a volta do filho mais velho. “Estamos arruinados”, anunciou.

Para o jovem Auguste e seu irmão, porém, nem tudo estava perdido. Armados de uma seriedade fora do comum, reuniram os cobradores, conseguiram moratória e até algum crédito extra para pagar a alguns incrédulos. Venderam o estúdio, contrataram operários e em pouco tempo tinham reerguido, pela primeira vez, o que o pai tinha destruído. Os dois resolveram voltar ao laboratório – desta vez empenhados em inventar uma placa mais rápida que necessitasse de apenas alguns segundos de exposição. A “etiqueta azul”, que recebeu este nome por conta do rótulo da embalagem, foi vendida por nada menos de sessenta anos. Auguste e Lonis tornaram-se respeitáveis empresários de Lyon. Em cinco anos, o que passou a ser a Sociedade Anônima Lumière e Filhos cresceu de forma espantosa. O volume de negócios, que em 1886 era de 295 000 francos, pulou para 1,253 milhão. A família vivia, enfim, confortavelmente.

Antoine promovia jantares, festas e jogos. Eram de fato poucas as noites sem movimento na casa dos ilustres franceses. Principalmente depois que a família Wincler, de origem alsaciana, se instalou nas redondezas. O pai, Alphonse, cervejeiro de profissão, havia comprado a Grande Brasserie, na Avenida de la Croix-Rousse. Antoine e Alphonse chegaram a construir um túmulo comum no cemitério de la Guillotière. Eles não eram os únicos a alimentar projetos coletivos. Em 1893 Auguste Lumière casou-se com Margueritte Wincler; Jules Wincler com Juliette Lumière; Louis Lumière com Rose Wincler e enfim Charles Wincler com France Lumière. A partir daí, nenhuma refeição contava com menos de dez pessoas à mesa.

As noites acabavam em música, o que não impedia os irmãos de acordar todos os dias às 4 da manhã—hábito que os acompanhou até a velhice. Auguste e Louis se encontravam desde cedo para discutir os mais diversos assuntos—da administração da fábrica, quando jovens, ao futuro do cinema, anos depois. “Meu pai era um poeta. Assim que ganhava algum dinheiro, gastava-o com a mesma rapidez”, disse Lonis em sua última entrevista ao jornalista francês Georges Sadoul, autor de uma famosa história do cinema mundial. Ele se referia, sem dúvida, à segunda vez que Antoine recorreu aos filhos, ao

confessar que tinha vendido suas ações da fábrica, além de ter feito empréstimos de 1,5 milhão de francos por conta de sua nova mania: construir casas.

Como Auguste e Louis não suportavam a idéia de dividir seu negócio com estranhos, recorreram, por sua vez, a um amigo que lhes emprestou a soma necessária para saldar as dívidas e recomprar as ações vendidas. Desta vez Antoine tinha ido longe demais. Um conselho de família resolveu afastá-lo dos cofres da fábrica Lumière. A partir daquele momento, o pai perdulário devia se contentar com uma mesada estipulada pelos quatro filhos. Na época, a indústria de Lyon nada tinha a ver com o pequeno galpão comprado às pressas, quando Louis inventou a placa seca. Uma fábrica de vidro, parte de uma indústria de produtos químicos, de papel e outros acessórios tinham sido incorporados ao patrimônio familiar. Mas o espírito empreendedor dos irmãos prodígio não tinha ofuscado seus dotes científicos.

Quando não encontravam à venda o material desejado para desenvolver uma nova placa ou emulsão, Auguste e Louis se trancavam durante dias em seu laboratório e de lá não saíam enquanto não inventassem o instrumento desejado. Foi numa destas ocasiões que Auguste começou a se interessar pela imagem em movimento. Na época, vários inventores se debruçavam sobre a questão—alguns tinham mesmo chegado a algum resultado. Principalmente o prolixo Thomas Edison. A partir de 1891, o americano apresentou ao público o kinetoscópio, no qual um filme de cerca de 15 metros permitia a um único espectador observar uma cena do tamanho de um cartão de visitas. Três anos depois, fabricava a máquina em série, convencido de que seu invento estava destinado a diversão individual.

“Eis aqui o que vocês deveriam fazer”, bradou Antoine ao visitar o filho Louis na fábrica. Tirou do bolso uma fita de kinetoscópio que tinha ganho dos concessionários franceses do aparelho. “Edison vende isto a preço de ouro e os concessionários querem produzir fitas aqui mesmo, para tê-las a um preço mais acessível.” Sem perda de tempo, Auguste passou a estudar um meio de captar imagens revelá-las e projetá-las num movimento semelhante ao da vida real. “Passei três meses pesquisando sem chegar a um resultado satisfatório”, contou Auguste tempos depois. “Foi quando meu irmão, que tinha assistido às minhas experiências, pegou uma gripe que o deixou de cama por vários dias. Uma manhã, quando fui vê-lo, Louis me anunciou que, durante a sua insônia, teria achado a solução para o problema.”

A grande questão era como dar a ilusão de movimento à fita de imagens fotográficas, sem deixar que o espectador percebesse o desenrolar da fita. “Devemos recorrer a um dispositivo que ataque a película em repouso, que a acelere e a retarde até sua imobilidade, quando projetaremos a imagem. Temos de repetir este ciclo quinze vezes por segundo”, ordenou Louis. Para conseguir o movimento desejado, os irmãos recorreram a um engenho

inspirado na máquina de costura, incrementado com um sistema de dentes que se encaixavam nas perfurações da película. Após filmar algumas tiras experimentais, Auguste e Louis organizaram, como era de prever, uma projeção familiar. Nessa época, o clã Lumière não cessava de aumentar. Louis, Auguste e os outros casais Lumière-Wincler tiveram mais de dez filhos.

A primeira cena em movimento apresentada ao público foi, sem dúvida, “A saída da fábrica”. Num dia de sol inesperado, em 19 de março de 1895, Louis acionou a manivela. Oitocentas imagens em 50 segundos, que foram projetadas, três dias depois, numa conferência em Paris. A surpresa foi geral. Em seguida, os irmãos produziram “O Jardineiro”, “Chegada de um trem à estação de la Ciotat” e várias outras cenas que seriam apresentadas no famoso Salão Indiano, do Boulevard des Capucines. A segunda sala de projeção do chamado cinematógrafo foi no número 1 da Rua de la République, em Lyon. Em muito pouco tempo, toda a França podia assistir a uma sessão do cinematógrafo. Sem perda de tempo, operadores das máquinas eram treinados na fábrica e depois enviados a dezenas de cidades no mundo inteiro: Europa, Ásia, Américas.

O sucesso foi imediato. Como era previsto, os irmãos Lumière não se contentaram com o título de inventores. Passaram a ser fabricantes de aparelhos, de películas, produtores e distribuidores de seus próprios filmes. Sem se darem conta, porém, da importância que o cinematógrafo tomaria, Auguste e Louis perderam o controle da empreitada. Por fim, venderam as salas a dois empresários mais poderosos e visionários: Messieurs Gaumont e Pathé. “Se eu soubesse até onde chegaria o cinema, talvez não o tivesse inventado”, confessou Louis ao jornalista Sadoul. Para ele, como para o irmão, a máquina não passava de mais uma idéia nascida numa época propícia. Não foi por outro motivo que ambos voltaram aos laboratórios, às emulsões e às fotografias. Também se dedicaram à eletricidade, à acústica, ao automóvel. Auguste passou ainda a se interessar pela Medicina.

Embora não tivesse nenhum diploma, aprendeu a fazer diagnósticos, estudou e aprimorou fórmulas de vários medicamentos e tornou-se o chefe dos Hospícios da cidade de Paris. As festas em família animavam as noites de Lyon. Já então com instrumentos musicais inventados por Louis, que chegou a chamar os amigos para um espetáculo particular. Atrás de uma cortina, tocava a mesma música com instrumentos tradicionais, das mais renomadas marcas, e com os de sua autoria. Cabia aos convidados distinguir estes daqueles fiando-se apenas nos ouvidos. Após inúmeros equívocos dos amigos, Louis abriu as cortinas: “Chega. Já sei o que queria saber”. Louis Lumière morreu em 1948 aos 84 anos. Auguste, seis anos depois, com 92. “Cheguei ao fim do filme”, disse poucos dias antes.

Alice Guy, a primeira diretora de cinema do mundo

<https://www.dw.com/pt-br/alice-guy-a-primeira-diretora-de-cinema-do-mundo/a-50050713>

Graças à crescente consciência sobre a igualdade de gênero no cinema, uma pioneira esquecida da sétima arte está de volta aos holofotes: Alice Guy (1873-1968) está sendo homenageada no Stummfilmfestival, o mais importante dedicado ao cinema mudo da Alemanha, em Bonn, em que será exibida uma seleção das obras da cineasta francesa, acompanhada de música ao vivo.

"Após o movimento #metoo e discussões sobre igualdade de gênero, uma nova pesquisa dedicada a Alice Guy permitiu que especialistas descobrissem que ela dirigiu mais filmes do que se pensava; filmes que foram atribuídos a seus colegas diretores nos primórdios do cinema", explica Stefan Drössler, diretor do Museu do Cinema de Munique.

Por muitos anos, Drössler foi curador do renomado International Silent Film Festival (Festival Internacional do Cinema Mudo) em Bonn. Antes, ele também organizara exibições de filmes de Alice Guy na Universidade de Bonn – em alguns casos, sem mesmo se dar conta de que ela era a diretora das obras.

Drössler menciona, por exemplo, A fada do repolho (título original: La fée aux choux), incluído na programação do festival de 2019. "Nós já o havíamos mostrado em Bonn no ano passado, mas não foi registrado como um filme de Alice Guy". Agora, A fada do repolho foi restaurado digitalmente e faz parte da programação do festival, desta vez com o devido crédito à diretora.

Os filmes dos primeiros anos do cinema não tinham créditos como se conhece hoje, explica Drössler, normalmente só se apresentava o título. Os cineastas pioneiros produziam muito rapidamente, como numa linha de montagem. Só mais tarde especialistas tentaram determinar seus autores. E eles eram quase exclusivamente homens.

Através de digitalização, pesquisa aprofundada e uma consciência diferente sobre o papel das mulheres nos primórdios do cinema, os créditos de algumas obras estão sendo reatribuídos.

Veterana do cinema

Alice Guy foi uma pioneira do cinema, e sua história está bem documentada já há algum tempo. Nascida em 1873 no leste de Paris, ela trabalhou inicialmente como secretária de uma fábrica de câmeras fotográficas, até descobrir um meio completamente novo: o filme.

Depois de assistir às primeiras sessões dos irmãos Lumière em Paris, Guy começou a trabalhar para um novo empregador: a companhia cinematográfica Gaumont, onde lhe permitiram também realizar trabalho de direção. E aparentemente foi bem-sucedida: alguns historiadores do cinema chegam a argumentar que foi a primeira pessoa a dirigir um filme narrativo de ficção – uma afirmação que permanece contestada.

Guy avançou a chefe de produção do estúdio de cinema da Gaumont, de 1897 a 1907, e formou sua reputação através de seus filmes. Como era típico na época, dirigiu curtas-metragens de diferentes gêneros: filmes de ação, faroestes ou comédias. Em 1906 rodou a ambiciosa produção *La vie du Christ* (A vida de Cristo), com centenas de figurantes.

Desde cedo, ela experimentou com som e cor, e também fez reflexões sobre a igualdade de gênero: "Não há nada relacionado à encenação de um filme que uma mulher não possa fazer tão facilmente quanto um homem", escreveu a cineasta na revista americana *Moving Picture World*, em 1914. A essa altura, já morava nos Estados Unidos.

Guy trabalhou em centenas de filmes como diretora e produtora. Em 1907, casou-se com o cinegrafista Herbert Blaché, com quem se mudou para os EUA. Na história do cinema, ficou conhecida como Alice Guy-Blaché.

Em 1910, a cineasta francesa estabeleceu sua própria produtora, chamada Solax. Por várias décadas, foi uma das únicas mulheres à frente de um estúdio de cinema americano, junto a Lois Weber. No começo da década de 20 ela deixou a indústria cinematográfica, após uma série de fracassos. Depois do divórcio, voltou com seus dois filhos para a França.

Esquecida pela história do cinema

Por muitos anos, o nome de Alice Guy desapareceu da maioria dos relatos sobre a história da sétima arte. Mais de 90% dos historiadores do cinema foram homens, aponta Stefan Drössler, "e a maioria deles deu pouca atenção às contribuições das mulheres para a arte".

A lenta redescoberta do trabalho de Alice Guy veio através de um festival de cinema francês focado em mulheres cineastas, nos anos 70. A diretora não estava mais lá para testemunhá-lo, pois morreria em 1968, aos 95 anos, e suas memórias só foram publicadas postumamente. Desde então, realizaram-se diversos documentários sobre seu trabalho, e festivais organizaram retrospectivas de seus filmes.

Ela tinha seu próprio estilo e "agora que sabemos mais sobre Alice Guy, é mais fácil reconhecer certos motivos artísticos em seus filmes". É assim que obras como *A fada do repolho* puderam ser redescobertas como sendo dela.

Há outros exemplos, entre os filmes exibidos em Bonn, de como ela introduziu "motivos femininos" nos primórdios do cinema: no faroeste mudo *Two little rangers* (Duas pequenas vigilantes), de 1912, mulheres armadas caçam um vilão; em *A madame com desejos* (1907), uma grávida tem desejos tão fortes, que rouba comida alheia.

Alice Guy abordou a questão do gênero de forma particularmente original em *Les résultats du féminisme* (Os resultados do feminismo, de 1906): "O filme mostra cenas em que papéis típicos de gênero são invertidos", explica Drössler. Os homens são mostrados costurando roupas, passando a ferro e cuidando das crianças, enquanto as mulheres fumam charutos, leem jornal e são servidas. E nas ruas as mulheres são as que seduzem os homens, e eles fogem com medo, assim que elas se aproximam.

ENDEREÇOS WEB

[Alice Guy-Blaché, a primeira cineasta | Imagens Amadas](#)

[Alice Guy Blaché, a pioneira do cinema que a história esqueceu | Hypeless – Inovação e criatividade para todos.](#)



NEPE
Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira